

A photograph of a railway track with two papers on a bench. The track is made of dark metal rails on a bed of grey and brown stones. A dark wooden bench runs diagonally across the frame. Two pieces of paper are placed on the bench. The paper on the left is white with a blue and purple abstract drawing of a landscape with trees and a curved line. The paper on the right is white with a blue and purple abstract drawing of a landscape with trees and a curved line. The background is filled with the railway track and scattered yellow leaves.

lab_desenho

vestígios de um encontro

Ines Linke
Ana Luisa Ribeiro
(org.)



Apresentação

Ines Linke e Ana
Luisa Ribeiro



Esta publicação nasceu do desejo de criar um registro dos encontros, experimentações artísticas e mostra de processos que constituíram as experiências vividas no lab_desenho durante um período de seis meses, no Galpão de Oficinas do Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM). Entrelaçamos aqui texto e imagem, na intenção de narrar e tornar visível uma pequena amostra do que, para nós, pôde ser desenho, além da linha. Errar, com gosto? Lento, ou ágil? Algo de interior? Mas também um fazer junto.

O livro inclui muitas imagens e pequenas inserções com reflexões dos frequentadores, além de textos curtos assinados pela equipe e apoiadores do projeto. Raimundo Munding, coordenador do Educativo do MAM, contextualiza as atividades do lab_desenho na relação com a concepção de museu-escola, do MAM de Lina Bo Bardi. Ines Linke nos oferece um texto sobre o projeto Bem Comum e sua relação com o lab-desenho. Ana Luisa Ribeiro e Ines Linke, as coordenadoras do lab_desenho em 2024, propõem olhares e pensares sobre os processos que orientam nas experiências individuais e coletivas do desenhar. Já os monitores bolsistas de extensão Felipe Bolcont e Juliana Paraguassú, refletem sobre sua atuação como intermediadores de um processo de abertura e trocas entre universidade e sociedade.

Durante nossos encontros no MAM, tivemos o privilégio de conhecer e experimentar a prática do desenho também pelos olhares de quatro artistas convidados, que propuseram dinâmicas artísticas a partir de seus processos de criação. Cada um deles traz a esta publicação um pouco desses encontros. “Se nos retirássemos do tempo?” de Manu Romeiro, propõe pensar o desenho como acontecimento e relação dialógica; “Desenho na areia” de Zé de Rocha, reflete sobre as possibilidades de experimentação com outros materiais, que reinventam o desenho; “Uma oficina de desenho (a vista que o outro viu)”, de Lia Krukken, registra a provocação de desenhar com o lugar; e “Desenho e presença”, de Pedro Marighella, nos convida a pensar sobre corpos, desenhos e tempo.

Com essa publicação, convidamos a pensarmos sobre a ideia do acontecimento, da experimentação no e com o lugar, do corpo, dos desenhos enquanto processo. Esperamos que o livro transponha os desenhos e os encontros efêmeros para outros tempos em outros espaços. Que os textos, imagens e registros fomentem uma reflexão sobre presença.

As oficinas de artes do
Museu de Arte Moderna da Bahia
Raimundo Mundin (Educativo Mam)



O Museu de arte Moderna da Bahia (MAM-BA), está localizado desde 1963 no Solar do Unhão, um conjunto arquitetônico histórico à beira da Baía de Todos os Santos. A arquitetura do século XVII remonta aos antigos engenhos coloniais. O MAM-BA mantém até hoje propostas iniciais, definidas pela arquiteta Lina Bo Bardi como um museu-escola que não distinguiria as diversas formas de artes e não realizaria uma valorização diferenciada. Tornou-se um grande difusor da arte nacional e internacional, além de ter um papel essencial na divulgação, conservação e salvaguarda das obras baianas e nordestinas para o Brasil e o mundo.

As oficinas foram e continuam sendo um dos eixos centrais do setor educativo do MAM, que vem promovendo atividades de arte-educação pensado pela criadora do MAM Bahia, Lina Bo Bardi (1914-1992), que sonhou criar o Centro de Estudos e Trabalhos Artesanais (CETA) como uma escola produtiva de arte e design unindo o saber popular ao acadêmico, dentro do museu.

As oficinas do MAM, estabelecem um diálogo entre o museu e a sociedade, como forma de ativar o potencial artístico do público, assim como para discussão e debate em torno da produção em artes, experimentando e construindo trabalhos nas mais diversas áreas artísticas. A prática das técnicas artísticas, a produção de trabalhos e experiências em arte.

Os encontros do lab_desenho, coordenado por Ines Linke e Ana Luisa Ribeiro, aconteceram no galpão das oficinas durante cinco meses criando um habitat, improvisado, laboratório, com um grupo de pessoas experimentando diferentes sensações, criando vários movimentos através de pensamentos e ideias.

Todos estes encontros tornaram-se vivências, produzindo um ponto de partida através de linhas, forma, rabisco, expressão, gesto, olhar, memorização, representando o começo, meio e fim.

Bem comum - lab_desenho

Ines Linke



(...) a instituição do comum (koinón) é fruto de um “pôr em comum” que pressupõe sempre reciprocidade entre os que participem de uma atividade ou compartilham um modo de vida.

Pierre Dardot e Christian Laval

O que diz a ecologia? Que se você estraga a terra, o ar, isso faz o homem morrer. Trata-se de uma volta ao poético, a uma forma de conhecimento que não é separável da palpitação do mundo, a um conceito fecundado pelo imaginário.

Édouard Glissant

O eterno retorno do encontro como uma promessa, uma expectativa, mas não como alguma coisa que já aconteceu e nem como uma garantia de que a coisa vai acontecer. É um arco tenso na esperança de que alguma coisa aconteça.

(...)

Se a ideia do encontro é pacificadora, alentadora e é uma promessa, o cotidiano é uma constante negação do encontro. O cotidiano é a prova dos nove. Se você terminar o dia hoje e disser: hoje foi um bom dia, eu tive um bom encontro, se isso for verdade, parabéns, valeu o dia.

Ailton Krenak



Inspirado na ideia do “pôr em comum” e da “arte relacional”, o projeto de extensão Bem Comum busca estimular situações e proposições objetivando o (re)encontro entre pessoas e o compartilhamento de práticas e ideias que viabilizem e incentivem o pensamento autônomo e a ecologia. O projeto foi desenvolvido em 2016 a partir da construção de canteiros colaborativos, de plantas alimentícias e medicinais, numa pequena área do estacionamento da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (EBA-UFBA), e teve como objetivo resgatar, produzir e disseminar conhecimento sobre plantas endêmicas, percorrendo etapas de cultivo, coleta e distribuição e discutir nossa relação com a terra, o ambiente e a cultura, de forma geral.

Neste sentido, ao longo de sua existência, também foram realizadas situações relacionais pautadas em intercâmbios simbólicos e materiais, assim como experiências no campo da arte. Os distintos momentos do projeto, por vezes, foram experimentados enquanto elemento político a fim de promover e provocar questões relativas à nossa relação com o tempo cíclico, o alimento, padrões de consumo, espaços da cidade em diálogo contínuo com o fazer artístico, temas e estratégias da arte contemporânea diante da vertigem ecológica.

O lab_desenho foi originalmente concebido em 2018, no contexto das atividades realizadas pelo Bem Comum nas proximidades do estacionamento e Jardim da EBA, flertando com o desenho de observação, o desenho botânico e o desenho experimental com materiais do lugar. Desenhamos as diversas partes das plantas, sua transformação ao longo do tempo, o ciclo de vida e reprodução, abraçamos o imprevisto, o acaso, assim como as adversidades para então, discutir nossas relação com a terra, imaginários, simbolismos e consequentemente o usos das plantas construindo, deste modo, um sentido ético, estético e político dos canteiros do Bem Comum.

Nossa relação com as plantas e os trabalhos artísticos que tensionaram aspectos espaciais e temporais produziram muitos desdobramentos e situações que extrapolaram o espaço da EBA em distintos canteiros experimentais na cidade, no ateliê da terra, em instalações interativas e ocupações temporárias e em coleções de histórias e desenhos com temas diversos, aproximações às perspectivas ecológicas subjetiva, social e ambiental defendidas por Guattari e nos conduziu ao Galpão de Oficinas no Solar do Unhão para o desenvolvimento de uma atividade de desenho com as plantas oriundas do ambiente externa ao MAM e das mudas das plantas medicinais e alimentícias produzidas no contexto do projeto em 2023.

Na edição do lab_desenho 2024, abrimos um leque de possibilidades ao criar uma programação de encontros com diferentes temas e espaços, como convidar interlocutores artistas para compartilhar suas experiências. O ato de desenhar ativou/tensionou as relações e possibilidades encontrados nos espaços internos e externos do MAM, entre o ver e ser visto (entre a vista que o outro viu), entre o rastro e o traço, entre o trabalho individual e o coletivo, entre o real e o imaginado, entre o conhecido e o inesperado, entre o pronto e o inacabado, entre o momento presente e o vestígio de um desenho vivo.

Referências bibliográficas

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *Comum ensaio sobre a revolução no século XXI*. São Paulo: Boitempo, 2017.

GUATTARI, Felix. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 2009.

GLISSANT, Édouard. *Poética da Relação*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

KRENAK, Ailton. *Do tempo*. n-1 edições. Disponível em https://pospsi.com.br/wp-content/uploads/2020/09/TEXTOS_38-ailton-krenak.pdf

Olhares sobre o processo

Ines Linke e Ana Luisa Ribeiro



· nos encontramos para desenhar · para experimentar · para rascunhar · para criar uma relação com o presente · para estar juntas/os/es · buscamos momentos de leveza · de espontaneidade · acontecimentos · observação · vivência · riscamos · traçamos · olhamos para o rastro · para o vestígio do encontro · o erro · o inacabado · o desenho 'meio feio' · compartilhamos nossas aproximações · a busca de uma escrita orgânica · as marcas lentas · as marcas rápidas · a expressão das dúvidas · dos confrontos · dos (des)compromissos e dos gestos que se reinventam · se transformam

O que pode ser desenho? Em algum momento ouvimos dizer que o desenho nada mais é que a alteração particular que cada artista impõe sobre a representação exata. Neste sentido, não buscamos apreender o desenho de observação pela técnica ou a busca de uma imitação perfeita da realidade, mas pela visão, pela experiência, pelo corpo e pelo gesto. Neste processo, o 'erro', o imprevisto, o inacabado e o desenho 'meio feio' são destacados como parte do processo de criação de cada pessoa. Buscamos, sim, a expressão presente no gesto individual e no olhar único de cada participante, experimentando as possibilidades de diferentes materiais e valorizando também a potência criativa de ver e agir coletivamente.

Os encontros do lab_desenho reuniram nas oficinas do MAM-Bahia, de março a julho de 2024, um grupo diverso de pessoas de diferentes idades, histórias de vida e experiências artísticas. Tendo como ponto de partida o desejo de desenharmos juntas/os/es e vivenciar o espaço, pudemos nos lançar numa experiência de indagar o desenho como algo que tem lugar: em baixo da do flamboyant, na praia, nas áreas externas do museu e também no galpão de oficinas. A arquitetura de Lina Bo Bardi e a paisagem do Unhão atravessaram a experiência do desenho. Desenhar pôde ser com lápis e papel, mas também com o chão de cimento cravejado de conchas, com as rugosidades das paredes caiadas, com esculturas, plantas, pedras e bichos dos jardins, com os vestígios de oficinas passadas e presentes, com as janelas vermelhas mirando a Bahia de todos os Santos, com o percurso pelo Parque de Esculturas até a praia do MAM.

Os modelos-vivos convidados a participar de nossos encontros, recebemos como performers, atores num ato coletivo de desenho, que deixamos de olhar como objetos, em tempo! Nestes encontros de corpos artistas, o desenho não surge das técnicas, dos esfumados, das regras proporcionais, mas do engajamento coletivo, do olhar ativo, da experiência compartilhada e do gesto único de cada indivíduo.

Esse desenho implicado com os sujeitos e coletivos, no lugar e na paisagem, de natureza relacional, é um desenho de corpo e sentidos. Em suas possibilidades gráficas e como escritura, vaza os limites da folha e segue vibrando, além da página. O desenho, enquanto gesto e lugar de encontro, extrapola as fronteiras das artes visuais para penetrar no vivido, até mesmo propondo nexos entre seres-gentes, bichos e plantas. Como ação, ele nos conecta com o nosso entorno, nos coloca no lugar e na instância entre o que vemos e vivemos e o rastro criado no papel.

Nesse sentido, o que as experiências mostradas nesta publicação revelam, é uma diversidade de olhares, fazeres, expressões e materiais mobilizados em experimentos com traços, manchas, e tempos de criação. Do acontecimento que as gerou, as obras em papel são rastro, ou vestígio. As fotografias de diferentes momentos dos encontros do lab_desenho, por sua vez, buscam propiciar uma certa imaginação sobre corpos e lugares que fazem esses acontecimentos. Quando o desenho não tem limites, cada ato de desenho pode ser um acontecimento.

Depois da desmontagem, a exposição existe e não existe. Partilhamos os vestígios dos encontros por meio de textos, fotografias dos diversos encontros e atividades, assim como uma seleção de trabalhos realizados pelos participantes do lab_desenho que compuseram a mostra de processo, mostrando um recorte dos trajetos individuais e coletivos e criando uma memória dos momentos, experimentos e encontros com/no Solar do Unhão.



A monitoria como espaço de sensibilização

Felipe Bolcont e Juliana Paraguassú



Na atuação junto à sociedade a universidade tece redes entre seus pilares de ensino, pesquisa e extensão. Como estudantes, experimentamos uma formação universitária junto aos espaços da cidade que acredita no compartilhamento dos conhecimentos das diversas instâncias sociais como uma prática de emancipação. Junto ao Bem Comum, trabalhamos a extensão através da monitoria durante o projeto lab_desenho onde, a partir de uma visão simples do mundo, estes encontros proporcionam descobertas que podem transformar os trabalhos e os processos em algo maior. Assim, aqueles que seguem caminhando para se encontrar dentro de um universo de estímulos potencialmente artísticos podem experimentar um espaço de autoconhecimento sobretudo por meio da imagem. Neste contexto, a arte pode ser coletiva, e quando o é, adiciona-se mais uma camada de experiência. O corpo inteiro se modifica através das relações. Sensibilizamos o fazer junto, até onde é possível estar junto. Respeitamos os espaços individuais, para que eles se expandam. Confiamos nos processos singulares e nos apoiamos. Criamos estrutura para a expressão, a qual podemos recorrer ao longo da vida sempre que desejável.

Como monitores, além do suporte técnico às diversas ações, tivemos a oportunidade de contribuir com um espaço que valorizasse o acolhimento da artisticidade e que celebrasse a diversidade e a profundidade do desenho vivo, dinâmico. Nos colocamos como apoio ao cultivo das ideias e das experiências, por isso também criamos e participamos do nascimento das imagens, testemunhando o crescimento e a inovação dos artistas, discutindo diferentes abordagens, técnicas e os sentimentos que nos atravessam durante este processo. Um acompanhamento que pede presença e respeito por cada expressão. A monitoria, por isso, é lugar de sensibilidade à diversidade da construção dos pensamentos onde, a cada encontro com os artistas, desenvolvemos mais consciência da importância da arte e da nossa atuação profissional na contribuição para uma sociedade que valoriza a alteridade e a cidadania.

Neste trabalho de monitoria buscamos aprimorar a prática da policultura da afetividade e da diversidade de perspectivas no fazer artístico. Aprendemos que, por vezes, é sobre não esquecer de olhar com calma os detalhes em volta, pois o desenho pulsa por todos os cantos.

Se nos retirássemos do tempo?

Manu Romeiro



A convite de Ines Linke e Ana Luisa Ribeiro, pude compartilhar com os participantes dos encontros do lab_desenho, o desenvolvimento da minha prática artística multidisciplinar, a partir da prática do desenho. Esse encontro foi dividido em dois momentos. No primeiro fiz a apresentação do percurso dessa pesquisa, com abertura para reflexão e diálogo. O segundo momento esteve voltado à prática coletiva do desenho. Em ambos, percorremos um caminho, permeado pela presença possível. Se nos retirássemos do tempo?

1 - Apresentação: o desenho no caderno de artista em meio ao cotidiano e suas ramificações multidisciplinares. O desenho como um ato performativo. O desenho como um gesto no espaço. O desenho como a fala, a fala como o desenho. A fala de quem faz e pensa. A fala que se apresenta. Em relação ou em contemplação? Ação, em qualquer um dos casos.

2 - Prática: reunir-se ao redor de uma árvore para desenhar. Desenhá-la. Seu forte tronco delineado, com diferentes texturas, suas ramificações se estendem largas ainda que comprimidas no espaço do pátio do museu. Seria diferente, se estivéssemos juntos frente ao mar? Ou um frente ao outro, um a um, olho no olho? Ou no próprio museu, a desenhar as obras e seus espectadores? Em todo caso, não seria a mesma imensidão, nas suas diversas formas? Mas estivemos sim, ainda que por não muito tempo, em silêncio, a contemplar o Flamboyant do MAM. Tão bonito perceber como cada um se interessava por aquela árvore. Atenções diversas, focos diversos, maneiras diferentes de retratá-la, de se relacionar com ela. Suas folhas, galhos, tronco, texturas, ou mesmo as crianças que olhavam lá de cima, aquela dança de poucos movimentos. Talvez a dança que elas viam do alto, era pequena. Jovens adultos de olhos ativos e mãos brincantes. Enquanto descrevo, sinto a energia daquele dia. Ou imagino? Ainda que seja em memória, traço caminhos, formas e sentidos através das palavras.

Palavras passageiras. Sem grande significado. Sem a tentativa de aprisioná-las em elevadas muralhas. Assim desenho. Assim é como sai meu desenho. Um tanto troncho, um tanto sutil, um tanto falante, um tanto nada. Reunir-se ao redor de uma árvore para desenhar. Um ato de reverência ao encontro. Um ato de agradecimento ao real. Um ritual cotidiano. Uma ação coletiva. Uma dança silenciosa e energética. Uma brincadeira delicada e ingênua. Gestos próprios e inusitados. Ainda que tão semelhantes entre si, tão diversos, ao mesmo tempo. TÃO próprios! TÃO inusitados! Um momento presente, vivido e registrado. Simultaneamente, como ser e estar. O desenho como ser no estado. Apresentar no rastro, o mistério. Pegadas que ficam na areia: o desenho inevitável. Simples como o inevitável.

Sobre desenho, desenho. E agradeço por continuarem, e pelo convite a continuarmos, conjuntamente, ampliando o espectro dos gestos sutis. Com tesão e consciência. Enquanto pudermos.

No campo da experiência. No campo aberto. Ateliê-mundo-mundo-ateliê-público-público-público. Mesmo rarefeito. Fazer possível.





Desenhos de areia e tempo

Zé de Rocha



A areia transita entre extremos. Matéria mutante, dança sob a luz da mesa, sugerindo imagens que se desvanecem como lembranças. Na oficina realizada em novembro de 2024, a convite da professora Ines Linke, o grupo de pesquisa Lab_Desenho explorou as possibilidades expressivas da areia em sua associação com o desenho a partir das pesquisas empreendidas no XilinDraw- Laboratório de Desenho Experimental, espaço instalado no porão da Galeria Cañizares, nas dependências da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

A sand animation (ou animação com areia) é uma técnica de animação que surgiu na década de 1960, na qual se utilizam contrastes de luz e sombra resultantes da manipulação de areia sobre uma mesa de luz, para criar imagens em apresentações ao vivo ou registradas como filmes de animação. A animação com areia exige do artista um saber lidar com limites e tensões entre controle, imprecisões e acasos. Ao desenhar com areia, o artista precisa considerar a coloração, o peso e o formato desse material. Além disso, a mesa de luz é um equipamento essencial para a criação de imagens com areia, permitindo que o artista explore as possibilidades expressivas desse material, em sua relação com os contrastes de claro e escuro.

Antes do surgimento da sand animation, o uso de areia para produção de imagens remonta práticas ancestrais de povos diversos, em contextos rituais, contemplativos e comunicativos, ou como dispositivo mnemônico. Podemos citar variados exemplos, desde a prática dos Sona, contação de histórias ilustradas por intrincadas formas geométricas desenhadas na areia, realizada pelos Tshokwe, uma das etnias de Angola, assim como a prática de construir paisagens com areias coloridas dentro de garrafas de vidro, que se tornou um modo de subsistência para muitas comunidades da região Nordeste do Brasil, no trecho de litoral que se estende dos estados do Ceará ao Rio Grande do Norte.

Podemos sugerir que cada grão de areia carrega consigo uma história geológica e cultural, que se reflete nas imagens criadas pelos artistas. Para a professora Christine Laure Marie Bourotte, do Departamento de Geologia Sedimentar e Ambiental do Instituto de Geociências (IGc) da USP, a areia não morre: “Ela nasce de uma rocha [...]; envelhece, arredondando seus grãos; encontra um obstáculo e começa a se agrupar; e depois de milhões de anos se torna uma rocha de novo.” (BOUROTTE, 2020). Assim, é possível aproximar, em associações poéticas, as características físicas da areia às estratégias de criação de imagens com esse material.

Nesse sentido, a linguagem do desenho e a animação com areia estabelecem uma relação profunda. Inclusive, podemos especular: será que os primeiros desenhos foram realizados por meio de marcas intencionais de um ser humano sobre uma superfície arenosa? O desenho, entendido como um “fazer-pensar”, onde a linha é o conceito e o traço é sua expressão mais direta, encontra na areia um meio expressivo que remonta o alvorecer da consciência humana e favorece o devaneio, a criatividade. A areia, com sua textura granular e sua capacidade de se moldar, permite ao artista criar imagens que são ao mesmo tempo efêmeras e, contemporaneamente, podem ser convertidas em duradouras, caso sejam registradas em vídeo ou fotografia; as recentes tecnologias possibilitam lidar com a impermanência dos rastros deixados na manipulação da areia, nos trânsitos entre o desenho manual e os meios digitais. A animação com areia, por sua vez, acrescenta uma dimensão temporal e dinâmica ao desenho, permitindo ao artista explorar as possibilidades expressivas do movimento e da transformação.

Aproximando o argumento desenvolvido pelo artista e professor Flávio Gonçalves – que se baseou nas ideias de Walter Benjamin sobre as diferenças fundamentais entre desenho e pintura –, inferimos que a ação de desenhar com areia, numa mesa de luz, aciona “forças sensório-motoras” intrinsecamente relacionadas ao plano horizontal.

Seria em razão dessa relação original com o plano horizontal que a ordem gráfica dividiria com este as qualidades de um campo mnemônico, onde os vestígios do que foi outrora enterrado pelo tempo não raro aflora à superfície [...]: uma metáfora tanto geológica quanto arqueológica [...]. (GONÇALVES, 2005, p. 32)

Desenhar na areia proporciona uma espécie de reencontro com o ato de brincar, na busca por maneiras imaginativas de desenhar e criar coletivamente, atentos às impermanências, às mudanças de uma forma em outra. As marcas deixadas pela manipulação de areia evocam memórias do que foi e do que pode vir a ser. Resta-nos a pergunta: seriam as transformações das imagens inscritas na/com areia tendência própria dessa materialidade específica, memórias de sua formação geológica?

Referências bibliográficas

BOUROTTE, Christine Laure Marie. O que as areias nos contam sobre um lugar?. Entrevista concedida a Hérika Dias. *Jornal da USP*, São Paulo, 04 ago. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/acoes-para-comunidade/o-que-as-areias-nos-contam-sobre-um-lugar/>. Acesso em: 18 de Outubro de 2022.

GONÇALVES, Flávio. Um percurso para o olhar: o desenho e a terra. *Revista Porto Arte*: Porto Alegre, V. 13, nº 23, novembro/2005.





Uma oficina de desenho (a vista que o outro viu)

Lia Krucken



Proponho que a gente desenhe no espaço.
Que a gente se situe enquanto parte da paisagem.
Que desenhemos o que nos atravessa.

(pensei uma oficina que iniciasse assim)

Tomemos tempo no e com o lugar.
Observemos o que nos capta: uma luz, um ritmo, um perfil, um caminho.
Como o espaço nos atravessa e vira desenho?
O desenho se faz primeiro no olhar. E segue, buscando meio, superfície, atrito.
Várias podem ser as ferramentas, vários podem ser os suportes.



Desenho e presença

Pedro Marighella



Quero falar do desenho como forma de envolvimento que o opõe aos automatismos da produção de imagens em nossos dias. Imagine uma linha entre envolvimento e automatismo, onde se pode deslizar de um lado para o outro entre estes dois extremos, que são experimentados pelo desenhista de observação. Entre tempo e manufatura, gosto de pensar o desenho de observação a partir do trabalho de Antoni Muntadas, onde se lê, “ATENÇÃO, PERCEPÇÃO REQUER ENVOLVIMENTO”. Porém, sem atribuir qualquer qualidade positiva essencial ao privilégio de ter tempo para produzir imagens, podemos levar em conta como o policiamento do tempo e do gesto se implicam na produção de imagens sob o neoliberalismo. Assim sugiro que a gente problematize as condições materiais de possibilidade para o desenho, que se colocam entre presença e renderização automática, tomando o tempo livre como um valor a ser disponibilizado para o desenhista como uma das reivindicações da classe trabalhadora. Até porque, quem tem tempo para perder, não é mesmo? Mas a liberdade da gestão do tempo na produção de um desenho não pode ser nesse sentido um mero elemento de distinção social.

Ademais, ainda elaborando a frase de Muntadas, trago a lembrança das qualidades de envolvimento, que se estabelecem no desenho de observação ou no que quero chamar aqui de desenho de presença, com ênfase na cooperação do olho, no qual focamos na examinação do meio e nas suas consequências multifatoriais para a vivência, como uma maneira de turbinar a percepção.

Assim, podemos escrutinar o desenho em sua unicidade e tradição material para além da relação paradigmática do lápis e papel, exercitando, numa vida corrida¹ – reflexo da exploração máxima do trabalhador no neoliberalismo, com pouco ou nenhum tempo para lazer ou sonho – um lugar de potência na sua qualidade de perda de tempo, que significa aqui prestar atenção nas coisas, em circunstâncias onde eficiência e ganho de tempo muitas vezes podem se opor aos efeitos de envolvimento.

Por isso gosto de ser professor de desenho com ênfase no desenho de observação. Dentre os primeiros exercícios, gosto de mostrar a meus alunos os antigos desenhos que fiz do falecido modelo Paulinho, quando eu ainda era aluno de Onias Camardelli. Mostro estes desenhos de Paulinho (que ficaram com as estruturas de construção aparentes), explico os métodos de centralização da imagem, tomada de referências de proporção, falo sobre a hierarquia do traço, o modo de descrever as formas, os tipos de manchas gráficas sugeridas para aquele tipo de desenho etc. Ao fim, conto que se trata de uma pessoa que não existe mais. A reação geral é de espanto²: o desenho atua como meio de permanência, memória, vivência e afetação.

Diferentemente, a IA e a fotografia (quando em modo de produção automático) podem efetivamente liberar o corpo durante a observação, possibilitando variações perceptivas, temporais, performativas e, por que não, morais. O desenho de observação por outro lado é uma confirmação de presença. Quando liberado do automatismo, o desenho se coloca à disposição da contingência do gesto e da atenção, numa relação inerente com o tempo e o espaço, na qual o corpo é o meio para alcançar a referência-propósito.

¹A expressão encena um ponto de vista do trabalhador de escritório, com poucos poderes, e sua suposta liberdade de expressão em corredores longe do patrão, falando tímido entre iguais sobre sua desgraça: “Sem tempo, irmão!”.

² Existem efeitos similares descritos por Roland Barthes em *A câmara clara*, no qual fotografia, pintura e outras artes de cena empenham o “furor de ‘dar vida’” onde há “denegação mítica de um mal-estar de morte”.



Depoimentos



Uma onda bateu no muro. fugi do raio de sol da tarde, que invadia a janela. o olho buscou aquelas mãos, aos pés entrelaçadas. agarrei o lápis. inspirei sem vírgula. na pele a veia saltava. o risco gravou-se na folha e eu cravei meus olhos em algum lugar muito dentro, muito fundo da minha cabeça.

Ana Luisa Ribeiro





Desenhar no MAM, entre pessoas, revela uma conexão profunda com o espaço. Explorar o museu através do desenho me fez enxergar os espaços de uma maneira nova. Assim, descobri a capacidade de representar não apenas o ambiente físico, como também um outro: o corpo. Entendi como formas e movimentos podem se entrelaçar no papel, criando composições que buscam desvendar a essência desses espaços e sua existência.

Aurea Leão

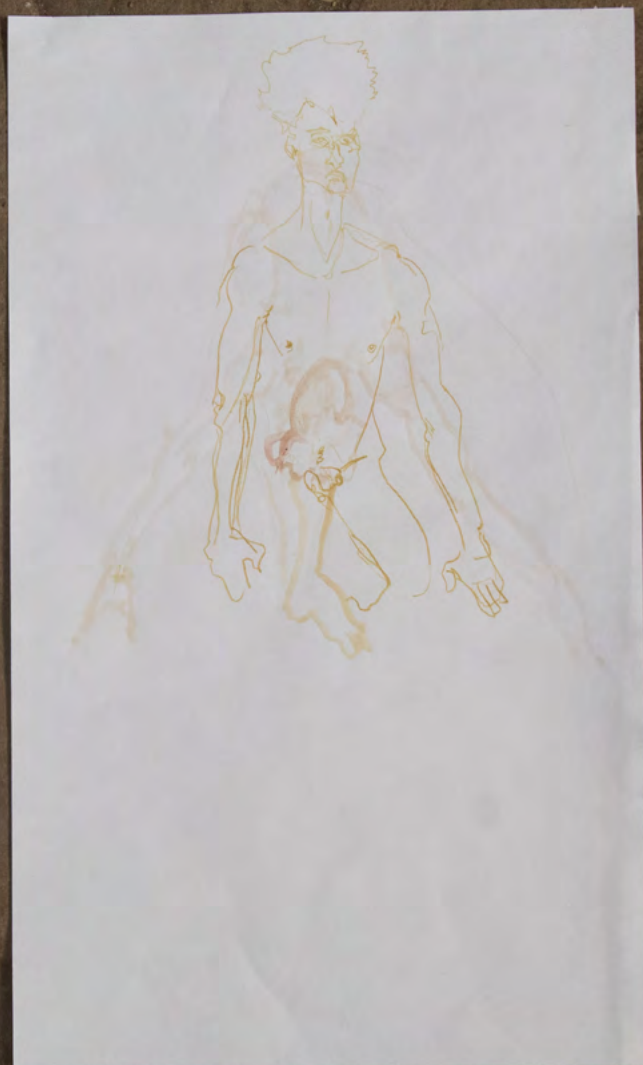
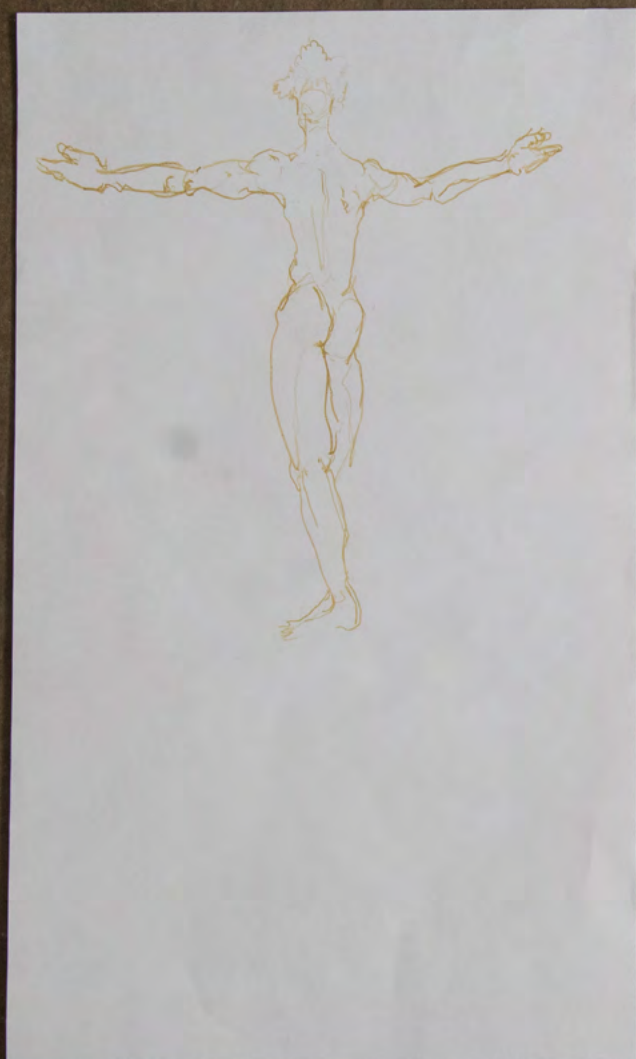


O êxtase infantil de experimentar pela primeira vez e, em contato com a natureza, descobrir formas, cores e texturas irregulares, incertas e presentes.

Beatriz Calixto

Viva a liberdade do olhar!

Chico Baldini



Melhor do que fazer um desenho bonito, é fazer vários desenhos meio feios.

Cláudia Góes





*Escrita sem letras / desenho ou palavra / fragmento e coisa / /
marca / pedaço / registro / / espaços; silhueta; espaços; (ponto
(s)e(m) curva) caindo por toda a parte.*

Felipe Bolcont



Retomo a observação depois de anos (re)aprendendo a desenhar ao lado de Joaquim, meu filho de 5 anos. sem perceber o traço muda, se desalinha e se reencontra em algum lugar entre o olho e a mão.

Guido Giglio

Como podemos desenhar com o museu ou conversar com a pedra? Me aproximo a uma pedra composta por vestígios de construção encontrada no MAM. Durante nosso encontro, a pedra permanece silenciosa, marcando presença com sua forma pesada, seu contorno quebrado e sua textura porosa.

Ines Linke





Desenho é atividade de risco! levar a sério a própria brincadeira, viver em conjunto, partilhar o sensível... isso tudo é germe para que a gente deixe nossa marca no mundo. aqui, aprendi a ter coragem de assumir aquilo que ficava germinando em silêncio: diante de proporção áurea, a gente pode praticar a desproporção bijutérea.
Juliana Cajives

"Cá perdido, aqui presente, neste labirinto de enganos deleitáveis, - vejo o mar, vejo a baía e vejo as naus. Vejo mais." Catatau, Leminski.

Kamylla Fetal



Há graça na experimentação, na mistura de técnicas e na exploração de diferentes materiais em uma única obra. Carrego dentro de mim vestígios de outras pessoas, momentos, espaços, experiências e sentimentos. Expressar-me através da arte é um ato de desnudar a alma. Busco trabalhar com meus sonhos, percepções e sentimentos, deixando uma parte de mim em cada desenho.

Layla Matos



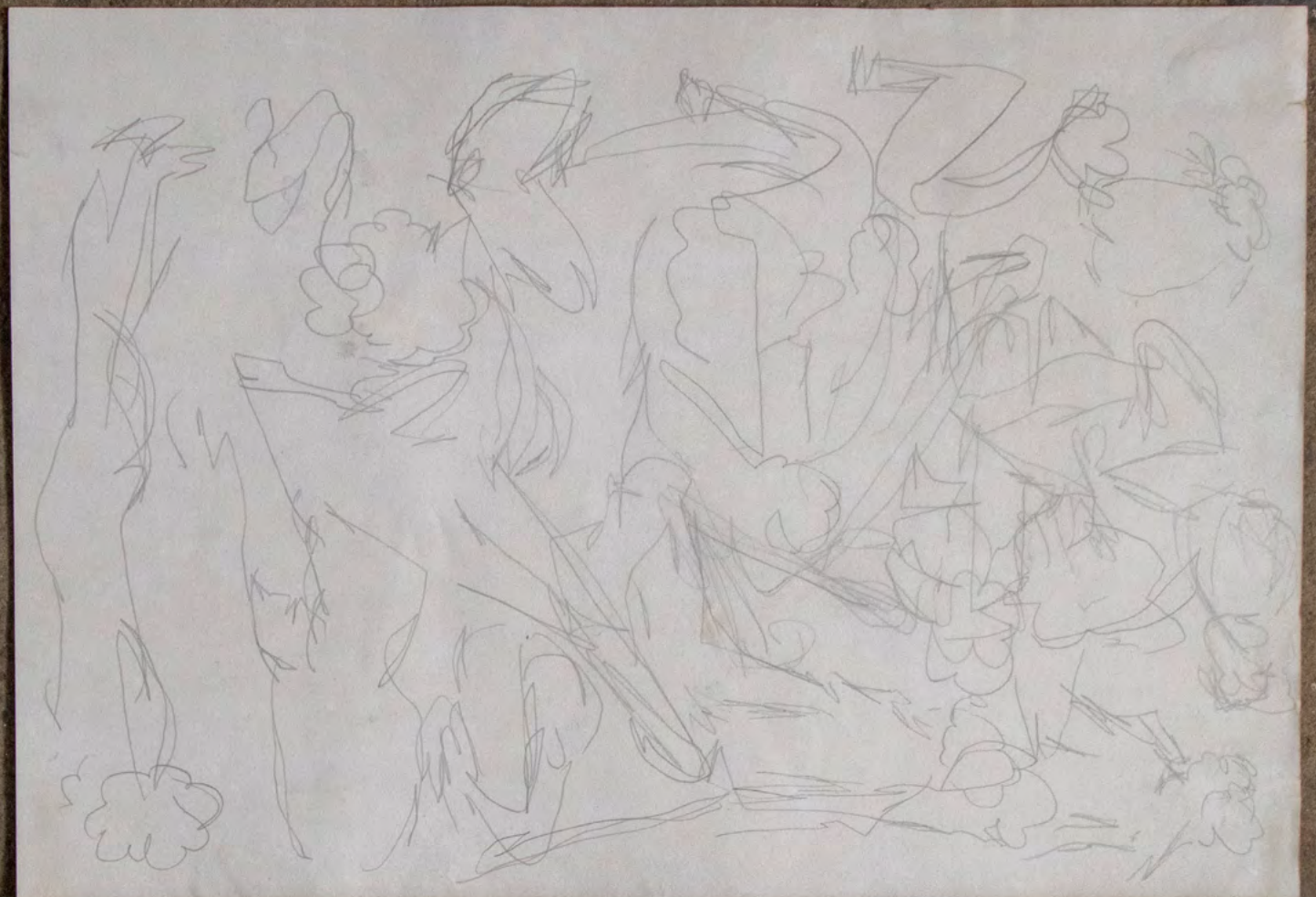


Sigo com o coração aberto para experimentar coisas novas e me sinto feliz porque tive iniciativa de começar esse processo durante os encontros. Arte é meu lugar de paz e silêncio; o desenho me salva todo dia e sou grata.

Lilian Navarro

Pensar o corpo no desenho e o desenho no corpo é um lugar para onde sempre volto, às vezes escapo mas sempre me encontro lá novamente. Teatralidade no traço pra curar a dor da cobrança pela busca do desenho "perfeito". As linhas dançam no papel, um corpo no mundo e um mundo na folha.

Maju Solo





Uma jornada de experimentação, de aceitar que as coisas são o que são e, à medida que se formam, tornam-se cada vez mais ímpares. Tentar entender e abraçar a singularidade de cada criação, percebendo a beleza em suas imperfeições e particularidades.

Mateus Ribeiro

Incrível mesmo foi descobrir que a chave que trancava o cadeado do meu medo de errar, era, o tempo todo, uma caneta e Três minutos. Descobri que tudo que eu precisava, era aceitar a natureza fugaz do desenho, a poesia do descontinuado, a experiência do impermanente, o confronto do tempo limitado, o movimento que nasce na urgência; era apenas aceitar, que o desenho, é como a vida, descontínua, impermanente, limitada e urgente em ser vivida.

Miu Monteiro





Falta(va) alguma coisa, um traço, um ponto, uma linha ou cor; falta algo. Todo desenho está sempre inacabado? No lab_desenho entendi que a impermanência das coisas, bem como a sua incompletude, são a própria obra de arte; que o corpo de ontem já não é o mesmo, assim como o desenho pode sempre ser (e ter) alguma coisa mais. E o inacabado, então, desabrocha como a representação dessa busca e construção - na ideia da vida se desenvolvendo, se revelando.

Raquel Cardoso





Ana Luisa Ribeiro (São Paulo/ Bahia)

Artista visual, arquiteta e urbanista, professora e doutoranda em Artes Visuais na UFBA. É docente no curso de Artes Visuais da UFOB. Organizou, entre 2011 e 2015, o projeto Desenhovivo, com práticas coletivas de desenho na Jã e no SESC de São Paulo. Como professora de desenho desde 2015, na Bahia, tem buscado valorizar a experiência de desenhar como lugar de observação, de investigação do gesto individual e de práticas coletivas, assim como da livre experimentação.

Áurea Leão (Pernambuco/Bahia)

Crescida por aí, atualmente reside em Salvador. Bissexual, gosta de tomar banho de mar e comer acarajé às quartas-feiras. Como artista em formação, explora o curioso que lhe tangem, no cotidiano, através de desenhos, da fotografia e da pintura.

Beatriz Calixto (Bahia)

Nasceu em Salvador no ano de 2002. Estudante do BI de artes na UFBA, gosta de representar o mundo ao seu redor a partir de desenhos rápidos e pequenos que formam séries, bem como gosta de explorar as cores e texturas dos objetos. Uma das suas maiores paixões é o mosaico, nele, com várias pedrinhas, um todo maior e mais complexo se constroi.

Chico Baldini (Rio Grande do Sul)

Nasceu em Porto Alegre em 1976. Desenha desde sempre, e já trabalhou com ilustração em muitos suportes e para diversos meios. Seus desenhos estamparam roupas, livros infantis, revistas, móveis, campanhas publicitárias e até uma vaca da Cow Parade. Sua paixão pelo mar, pela natureza, música e alegria da Bahia o trouxeram a Salvador onde vive desenhando e nadando todos os dias.

Cláudia Góes (Bahia)

Nascida em Salvador em 2001, é estudante do Bacharelado Interdisciplinar em Artes na UFBA, com foco em artes visuais. Quando criança, o desenho esteve presente em sua vida, mas se distanciou totalmente dessa prática durante a adolescência. Agora, explora o desenho como um caminho para se libertar do perfeccionismo e se reconectar com uma versão mais genuína de si mesma.

Felipe Bolcont (Minas Gerais)

Nascido em 1987, vive em Salvador-BA. Bacharel em Artes e Licenciando em Desenho e Plástica pela UFBA, percorreu caminhos pelas artes da dança na Escola Livre de Artes Arena da Cultura (Belo Horizonte), no curso de Artes Visuais (UFMG) e Iniciação em Teatro (FUNCEB).

Guido Giglio (São Paulo)

Artista gráfico, pesquisador e curador. Mestre em Design pelo Sandberg Instituut (Amsterdã, NL) foi artista residente na Jan van Eyck Academie (2017) e curador da Bienal Internacional de Design em Istambul, TK, em 2018. É integrante do duo SulSolSal e membro do coletivo Design Displacement Group.

Ines Linke (Baden-Württemberg/Bahia)

Artista, pesquisadora e curadora. Mestre e Doutora em Artes pela EBA/UFMG, docente da EBA/UFBA. Forma parte do grupo de pesquisa Urbanidades, da dupla artística Thislandyourland e do Intervalo - Fórum de Arte. Coordena o projeto de extensão Bem Comum onde desenvolveu o lab_desenho (2018 - presente). Trabalha com processos artísticos e projetos situados em contextos específicos.

Juliana Cajives (Goiás)

Nasceu em 1992 em Goiânia/GO, mas criou-se em Palmas/TO. Atualmente vive em Salvador/BA há 7 anos, onde formou-se em Artes pela Universidade Federal da Bahia. Poeta, artista visual e realizadora audiovisual, é uma das editoras da revista Mormaço, já publicou em diversos canais da literatura independente brasileira e expôs seus trabalhos.

Kamylla Fetal (Alagoas/Bahia)

Mudou-se para Salvador ainda criança, onde reside atualmente. Artista plástica de formação e tatuadora desde 2010, está concluindo a sua segunda graduação em Design de Interiores na UFBA. Participou de exposições coletivas, dentre as quais estão o 1º Prêmio Bienal de Artes Visuais Prof. Malie Kung Matsuda, no Palacete das Artes e (És) Passos, na Galeria Cañizares. Trabalha em diversas mídias.

Layla Matos (Bahia)

Nascida em Salvador, em 2003. Artista visual e graduanda em Design. Apaixonada pela criatividade e visualidades, encara essa habilidade como um estilo de vida, a utilizando no pessoal e profissional como algo intrínseco.

Lilian Navarro (Bahia)

Nascida em Feira de Santana em 1962. Bacharela em direito em 1985, advogou alguns anos na Bahia e logo mudou para o Rio estudar e trabalhar com comunicação/ cinema. De volta à Bahia, mergulhou no agronegócio, gerenciando uma propriedade rural durante 10 anos. O desenho sempre foi uma paixão da vida, um dom bendito e um hobby que nunca desenvolveu profissionalmente. Agora, nessa nova etapa de vida, desenhar é fato.

Juliana Paraguassú (Bahia)

Conhecida pelo nome artístico Maju Solo, é soteropolitana nascida em 2001. Bacharelada em Artes Visuais na UFBA, desde criança tem apreço por desenho, teatro e escrita, atualmente busca investigar a linguagem estética e poética do circo, suas memórias e teatralidades dentro de representações nas artes plásticas, além do interesse em atrelar esses estudos com o letrado popular brasileiro.

Mateus Ribeiro (Bahia)

MateusR, residente de Salvador -BA desde o ano de 2000, artista visual e estudante de artes visuais pela UFBA. aborda o cotidiano nos seus trabalhos, e extrai o sumo dessa fricção das relações humanas que retroalimenta e inspira sua obra como artista.

Miu Monteiro (Bahia)

Abandonou 7 anos de consultório odontológico, em 2018, para se dedicar à arte em tempo integral, fazendo cursos independentes, como pintura livre, xilogravura, aquarela, acrílica e desenho digital. Desde pequena foi influenciada pela sua avó e mãe artistas a experimentar muitas formas de expressão. Hoje vive de arte, é muralista e pinta quadros. Gosta de retratar temas da natureza, seus gatos, insetos e a vida cotidiana em paletas vibrantes.

Raquel Cardoso (São Paulo/Bahia)

Raquel Cardoso é artesã, artista plástica e decoradora. Em seus trabalhos traz memórias e afetos semeados na vida, onde se formam os fios que tecem os caminhos que me levam ao a(mar). Guiada pela força do feminino que me constitui mãe, filha e mulher, e à partir desse todo orgânico que se expressa o meu fazer artesanal e é moldada minha alma artística. Desenhar, pintar, gravar, bordar, cortar, tecer... assim é meu trabalho.”

Lab_desenho

Galpão de Oficinas - Museu de Arte Moderna da Bahia

março - agosto de 2024

Ficha Técnica

Concepção: Bem Comum

Coordenação: Ana Luisa Ribeiro e Ines Linke

Realização: EBA/UFBA e MAM-BA

Colaboração: Intervalo – fórum de arte

Interlocutores convidados: Manu Romeiro, Zé da Rocha, Lia Krucken, Pedro Marighella

Bolsistas PibiArtes/ProEXT: Juliana Paraguassú e Felipe Bolcont

Modelos vivos: Camila Russo Nantes, Armando Azevedo

Agradecimentos

A equipe do MAM, Raimundo Mundin, EBA, PPGAV e PROEXT - UFBA

Participantes do laboratório

Alice Rocha de Medeiros, Alisson Ramos da Silva, Aurea Maria Leão, Beatriz Calixto Ribeiro de Lima, Camila Monteiro Campos, Cláudia Góes, Daniel Querino Cezar de Andrade, Edneide Nunes de Andrade, Evaldo Corrêa, Francisco Baldini, Gabriela Santos, Gabrielle Soares de Freitas, Guido Giglio, Isabella Oliveira Couto Souza, Jell Oliveira, Jessica Lorena Barreto Santos, João Victor Carvalho Silva, Kamylla Dias Fetal Ferreira, Lara Ezos, Lara Robatto, Layla Carolina Matos Hilário, Letícia Andrade Mollicone, Lilian Navarro da Silva, Luiz Valverde, Maria Eduarda Chaves dos Santos, Maria Grazielle Alves dos Santos, Mariana Batista Barreto, Mateus Ribeiro, Pablo Cordier, Raquel Cardoso de Oliveira, Romário Silva de Oliveira Costa, Tatiana Menezes Sampaio, Sandra Dávila, Natalia Mercês, Ruth Pucheta, Juliana, Norton.

Ficha Técnica Publicação

Imagens: Desenhos dos participantes da oficina e registros das oficinas

Fotografias: Ana Luisa Ribeiro, Ines Linke, Anace Lima, Felipe Bolcont

Realização: Bem Comum e Textituras Estúdio Criativo

Organização: Ines Linke e Ana Luisa Ribeiro

Edição: Ana Carolina Lima (Anace Lima)

Assistência editorial: Beatriz Beltrão

Revisão: Lucas Lyra, Beatriz Beltrão

Capa e projeto gráfico: Mayã Fernandes

Ines Linke e Ana Luisa Ribeiro (Org). lab_desenho - vestígios de um encontro.

Salvador: Oribê Editorial, 2026. 59p.

www.textituras.com.br

textituras@gmail.com

ISBN: 978-65-85452-11-3

1. Desenho. 2. Artes Visuais. 3. Processos Criativos

TEXTITURAS